

O ARQUIVO DE EPIFÂNIO DÓRIA: POR UMA ABORDAGEM FUNCIONAL DOS ARQUIVOS PESSOAIS

LORENA DE OLIVEIRA SOUZA CAMPELLO

Todos nós desenvolvemos inúmeras funções e atividades ao longo de nossa trajetória. A história de vida de cada pessoa delimita especificidades ao conjunto documental acumulado por ela. Assim, cada arquivo pessoal possui documentos ligados aos tipos de atividades e funções desempenhadas por esses indivíduos: ligações institucionais fomentadas, relações de amizade mantidas, opções intelectuais e aos gostos cultivados pelo titular desse arquivo. Viver em sociedade implica produzir, receber e acumular documentos. Estes são instrumentos essenciais para o funcionamento da vida em sociedade e, portanto, testemunhos da trajetória de qualquer pessoa.

Os arquivos pessoais não são criados com finalidade histórica e cultural, mas sim acumulados com uma funcionalidade clara para a pessoa que o forma. A projeção do eu não existe no arquivo pessoal, e se assim ocorrer, não o podemos considerar como um arquivo. Desse modo, os documentos são acumulados para cumprir certa função por força probatória (carregada pela forma e pelo contexto do documento em si), mesmo que seja de ordem psicológica.

A função instrumental é condição primordial para que exista o arquivo sem preocupações com o olhar alheio e o do futuro. Por assim dizer, o arquivo é um conjunto articulado de documentos produzidos, recebidos e acumulados, de caráter instrumental.

No contato com esse vasto conjunto documental, percebemos que as ruelas dos arquivos pessoais são cheias de cruzamentos e de trechos em que não conseguimos definir onde começa ou termina cada uma.

Nos arquivos pessoais não existem regras fixas. A variedade de documentos é extensa. O que pode ser encontrado em um arquivo poderá não ser visto em outro, pois as pessoas são únicas e desenvolvem atividades, funções e papéis distintos na sociedade em que atuam.

No contato com o arquivo de determinado indivíduo, inicia-se uma jornada para dentro da vida de uma outra pessoa e ao mesmo tempo para sua própria vida, já vivida ou a se viver. Por refletirem, mesmo que não totalmente a vida de alguém, os arquivos fazem com que tenhamos a sensação de estarmos acompanhando a trajetória de seu titular. Quanto mais os documentos desse arquivo revelam os pormenores, os eventos e as atividades desempenhadas pelo indivíduo, mais nos aproximamos de sua vida.

Quando lidamos com os arquivos pessoais, percorremos os caminhos do outro, colocando-nos com mais tolerância na vida dele. Passamos a conviver com as manias e os hábitos de alguém de outra época, de gerações distantes da nossa, o qual não conhecemos de fato, mas que, por ironia, passamos a conhecer com uma profundidade maior do que quem a viveu. Por isso, não é incomum a sensação de ter entrado num mundo paralelo.

Alimentar a discussão sobre a importância do tratamento dos arquivos pessoais como arquivos, sendo merecedores, portanto de uma abordagem arquivística adequada, é nosso objetivo principal. Para tanto faremos uma demonstração fundamentada de um procedimento metodológico com arquivos pessoais, a partir do estudo de caso do arquivo de Epifânio Dória, tendo como resultado um inventário cronológico do conjunto documental.¹

Mas, por que o interesse em desenvolver um estudo de caso e, subsequentemente, propor uma metodologia voltada para o trabalho com arquivos pessoais, buscando a correlação entre a contextualização da documentação acumulada e a história de vida de Epifânio da Fonseca Dória e Menezes? Quem foi esse homem? Por que a escolha desse arquivo pessoal para direcionar a pesquisa? A primeira razão diz respeito ao titular, que foi figura representativa em Sergipe por sua contribuição a guarda, preservação de documentos históricos e arquivos pessoais de personalidades sergipanas, notabilizando-se também pela incansável pesquisa histórica desenvolvida ao longo de sua vida.

A segunda razão decorre da possibilidade de descrever o arquivo pessoal de um historiador e intelectual próprio de uma época, um pesquisador erudito e generalista, com interesses voltados para a história e a cultura de Sergipe e do Brasil.²

A terceira razão está ligada à configuração do arquivo pessoal de Epifânio Dória, um fundo fechado cujos documentos estão distribuídos em mais de uma instituição de guarda (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) e Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória (BPED)), oferecendo possibilidades de discussões sobre os princípios da integridade/indivisibilidade, proveniência e organicidade arquivística, além de refletir sobre a fragmentação do arquivo e suas consequências, bem como outros aspectos.

A quarta e última razão está na fortuna do conjunto documental, que perfaz um período riquíssimo da história do Brasil, marcado por acontecimentos e transições importantes, que apresentam para o pesquisador inúmeras possibilidades de pesquisa em diversas áreas do conhecimento.³

¹Esse trabalho consiste numa sucinta apresentação da tese de doutorado “O legado documental de Epifânio Dória: por uma abordagem funcional dos arquivos pessoais”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo. Essa pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

²De uns anos para cá, vêm sendo desbravados arquivos pessoais de artistas, músicos, literatos e cientistas, mas ainda é ínfimo o trato com arquivos pessoais de historiadores.

³Pelo envolvimento direto de Epifânio Dória com a política getulista e com o Estado Novo, ao assumir a pasta de Secretário Geral do Estado de Sergipe, e pela sua relação atuante no Partido Republicano de Sergipe, seu arquivo fornece uma rica documentação para os que se interessam pela história política desse período. Considerando que Epifânio Dória vivenciou o processo do golpe militar e quase todo o período do regime militar no Brasil, a correspondência que manteve com dezenas de amigos, de diversos estados da federação e com envolvimento partidário e posicionamento ideológico distintos é brilhante. Outro aspecto muito interessante a ser explorado a partir do conjunto documental discutido é o da intelectualidade cultural brasileira e sergipana, durante as primeiras seis décadas do século XX, e suas transformações com a presença cada vez mais marcante das universidades. A documentação produzida e acumulada para a produção de determinado texto, reunida em torno do seu contexto de produção, facilita a percepção e o estudo de como funcionava a produção do conhecimento e a escrita da história, durante as sete primeiras décadas do século XX. Ainda dentro dessa temática temos as cartas e os telegramas trocados com inúmeros amigos intelectuais, na constante busca pela fomentação da pesquisa, revelando uma fértil teia de relações e troca de conhecimentos, muito peculiares desse período. O mapeamento da rede de sociabilidade de Epifânio Dória através de sua correspondência (cartas, telegramas, cartões-postais, etc) é possível e pode apresentar resultados interessantíssimos. O trabalho “*O arquivo de Epifânio Dória: abordagem arquivística e possibilidades de pesquisa*” foi apresentado no Encontro de Arquivos Pessoais e Culturas, promovido pela Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em novembro de 2014.

Filho de proprietários de terras, Epifânio da Fonseca Dória e Menezes nasceu no ano de 1884, em Campos, Estado de Sergipe (atual Tobias Barreto). Devido a intempéries na vida e nos negócios familiares não teve grandes possibilidades de estudo, concluindo apenas o curso primário.

Essa limitação na sua educação formal não impossibilitou que Dória ocupasse espaços importantes nas esferas pública e política do Estado de Sergipe. O resultado do seu autodidatismo e de seu trabalho foi a participação na formação de praticamente todos os centros de estudo, arquivos, bibliotecas, revistas e instituições dedicadas às humanidades no Estado de Sergipe (MAYNARD, 2009). Dedicou-se com afinco à organização de arquivos por seis décadas reunindo documentos, angariando recursos e adquirindo fundos.

Mas, apesar da importância que teve como homem envolvido com a preservação de acervos nas instituições de documentação do Estado de Sergipe, como divulgador da história e cultura sergipana, sua trajetória de vida continua inexplorada⁴ e seus documentos pessoais não receberam tratamento arquivístico adequado.⁵

Entrar em contato, conhecer e trabalhar com a documentação reunida por um importante intelectual, historiador e bibliotecário sergipano foi nossa tarefa. Tivemos, portanto, como objetivo promover um inventário cronológico do arquivo de Epifânio Dória, realizando, a partir deste instrumento de pesquisa, um diálogo exaustivo entre a documentação produzida e acumulada por seu titular e sua trajetória de vida. Entendendo-se diálogo não como uma interpretação histórica, mas como a construção de uma ponte entre o (s) documento (s) e a atividade/evento que lhe (s) deu origem.

No decorrer da elaboração do inventário muitos problemas e questões decorrentes do trabalho arquivístico com esse conjunto documental surgiram a nossa frente. A partir do empirismo proporcionado pelo trato com a documentação e de discussões emergidas no processo de trabalho, buscamos contribuir com as nuances metodológicas já propostas pela pesquisadora Ana Maria de Almeida Camargo, em trabalhos desenvolvidos com importantes e distintos arquivos pessoais de políticos, intelectuais e músicos brasileiros⁶.

O arquivo de Epifânio Dória possui **35.193 documentos**, estando distribuído, e consequentemente fragmentado, em três importantes instituições sergipanas, a saber:

⁴Existem artigos publicados em jornais e pequenos textos sobre Epifânio Dória, como os textos apresentados no livro *Efemérides Sergipanas*, organizados por Ana Maria Medina. Há também sucintas biografias, como as produzidas por ocasião de homenagens e ocupação de cadeiras em instituições culturais, além da biografia apresentada por Luiz Antônio Barreto, no livro *Personalidades Sergipanas. Aspectos da contribuição de Epifânio Dória à história e à intelectualidade sergipana* são tema de trabalhos como: *A escrita da História na "Casa de Sergipe"* (1913/1999), de Itamar Freitas; *O que dizem as cartas? Formação e consolidação do IHGSE a partir de uma análise da correspondência de Epifânio Dória na década de 1930*, de Poliana Aragão; e *Efemérides sergipanas: contribuição de Epifânio Dória para a pesquisa histórica (1942-1945)*, de Carlos Crispim, Edilma Gomes e Karla Lima. Os dois últimos trabalhos citados são, respectivamente, monografias de alunos da UFS e da UNIT.

⁵O IHGSE, apesar de dispor de um inventário sumário do arquivo pessoal de Epifânio Dória, apresenta um instrumento que necessita ser revisto e lapidado, pois prioriza essencialmente o conteúdo em detrimento do contexto dos documentos, além de não fornecer o endereçamento dos mesmos. O APES está reestruturando o antigo catálogo do arquivo de Epifânio Dória custodiado pela instituição. No entanto, não existe uma proposta de reunir em inventário único o material depositado nessas instituições.

⁶Estudos de casos desenvolvidos com os arquivos do político Plínio Salgado (Arquivo Público e Histórico de Rio Claro), do presidente Fernando Henrique Cardoso (Instituto Fernando Henrique Cardoso) e do músico Adoniran Barbosa (Associação de Arquivistas de São Paulo).

Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)⁷, Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)⁸ e Biblioteca Pública Estadual Epifânio Dória (BPED)⁹. Apesar de fisicamente fragmentado, trata-se de um arquivo íntegro, preservado pela família e, posteriormente, pelas instituições de custódia que o receberam.

Uma das particularidades do titular do arquivo pessoal inventariado foi sua ligação, presença e circulação por praticamente todas as instituições de documentação, de cultura e de intelectualidade do Estado de Sergipe. Bibliotecário, historiador e pesquisador por prática e autodidatismo, Epifânio Dória esteve envolvido na vida administrativa e na esfera organizacional desses espaços. Dessa grande e intensa atividade não é de se estranhar a produção, recepção e acumulação de farta documentação relativas às instituições a que esteve vinculado.

Dessas ligações, em que se misturava o trabalho com a prática da pesquisa histórica, queremos destacar aqui sua relação com três instituições em específico: IHGSE, APES e BPED. Por que tais locais? Dória, ao IHGSE dedicou 64 anos de sua vida; ao APES fomentou sua criação, foi seu diretor por alguns anos e o frequentou exaustivamente para consultas e pesquisas em documentos custodiados pela instituição; à BPED dedicou mais de 30 anos de trabalho como bibliotecário e diretor.

Seu arquivo foi mantido sob a custódia de sua filha, Iracema Dória, e que, em momentos distintos, foi doado para as instituições mencionadas.¹⁰ A situação em que se encontra o arquivo de Epifânio Dória nos impôs problemas práticos e teóricos complexos, mas, em contrapartida, nos ofereceu a chance de discuti-los, buscando soluções e propostas no desenvolvimento da pesquisa.

Temos posto então a questão da fragmentação de arquivos. Assumimos que a natureza dos documentos dispersos não o exime do status de arquivo. Não é porque o arquivo de determinado indivíduo foi fragmentado após sua morte que a descrição não possa ser feita. Foi o que ocorreu com o arquivo de Epifânio Dória, no entanto ele existe de forma íntegra e indivisível no inventário cronológico apresentado, levando-se em conta que este não sofreu perdas devido a intempéries, alienações ou desvios.

No caso da fragmentação de um arquivo, Ariane Ducrot (1998) orienta fazer a classificação simultânea das partes, promovendo a unidade do fundo através de inventário comum: localizá-los, identificá-los e reagrupá-los no papel, respeitando suas individualidades e ressaltando sua complementariedade. Ou seja, reconstituir o lugar original dos documentos no instrumento de pesquisa, sem intervir, na ordem física da documentação e dos fundos.

⁷O arquivo de Epifânio Dória, custodiado pelo IHGSE, foi doado à instituição por seus netos, em janeiro de 2009. Segundo a declaração de recebimento do arquivo pessoal, trata-se de 12,3 metros lineares, distribuídos em 87 caixas arquivos, precisamente, **28.500 documentos**.

⁸A doação do arquivo pessoal de Epifânio Dória ao APES foi viabilizada na década de 1980 por sua neta, Sílvia Garcez Castro Dória, que nessa época trabalhava na instituição de documentação. Estamos falando aqui de **6.646 documentos**, o que nos dá em torno de 5 metros lineares.

⁹Na BPED constam apenas alguns de seus pertences e poucos documentos doados por sua neta, Sílvia Garcez de Castro Dória, em 2009 (Ver Anexo F). São **47 itens documentais**, tais como: escrivaninha, cadeira, gaveteiro, cadeira de balanço, pires, xícara, quadro, porta-retratos com fotografias, caderneta, canetas, diplomas, retratos, certificados e medalhas.

¹⁰Em entrevista com o historiador Pedrinho dos Santos – pesquisador que conheceu Epifânio Dória e possui contato com sua família – fui informada de que ainda há muito da documentação pessoal de Dória na antiga residência da falecida Iracema Dória. Segundo o entrevistado, trata-se de documentação referente à maçonaria. Com a morte de Iracema Dória não se sabe qual será o futuro dessa documentação.

Lembramos que a construção de um plano de classificação¹¹ convencional é tarefa que antecede a elaboração de um inventário. No caso do arquivo Epifânio Dória, a documentação não estava classificada em nenhuma das instituições de custódia e não a classificamos antes da feitura do instrumento de pesquisa. Seguimos algo não usual no que diz respeito à recuperação da informação através de instrumentos de pesquisa.

Considerando que lidamos com um arquivo fragmentado e não classificado, que os 28.500 documentos pertencentes ao arquivo custodiado pelo IHGSE não estavam endereçados e levando em conta o volume do conjunto documental (**35.193 documentos**), o plano de classificação convencional não cumpriria com nosso objetivo. Acreditamos que o plano de classificação que toma como ponto de partida grandes categorias gera ambiguidades e polissemias, bem como não leva em conta as especificidades das trajetórias de vida das pessoas, que bem dizer, são distintas.

Optamos, portanto, por uma nova abordagem. A classificação assumiu, nesse momento inicial, o patamar mais próximo dos documentos, ou seja, classificamos os documentos um a um, optando, com isso, pela escala micro, levando em conta as especificidades da trajetória de vida do titular do arquivo. Nesse sentido, foram os verbetes os elementos de classificação que deram um sentido mais imediato aos documentos.

A opção pela função macro pode ser acessada através de índices fornecidos no final do instrumento de pesquisa. É o caso da criação de um índice estratificado, que dê conta não apenas dos nomes de pessoas, lugares e instituições que aparecem ao longo da cronologia, mas também de estratos significativos e variados que possam atender às necessidades dos usuários do instrumento principal. É nesse momento que trabalharemos com a escala macro, priorizando sempre as ações do produtor do arquivo, ou seja, as funções e atividades desempenhadas em vida.

Ao analisarmos documento por documento, fizemos a ligação deste com a atividade mais imediata de sua produção. Os documentos apontaram, simultaneamente, para a atividade que os originaram ganhando sentido. Para tanto, foi imprescindível a criação de um banco de dados que, ao ser alimentado de uma forma padronizada, nos proporcionou uma eficaz recuperação de informações.

O ARQUIVO DE EPIFÂNIO DÓRIA E SUA ABORDAGEM COMO ARQUIVO

Podemos afirmar que os documentos que compõem o arquivo de Epifânio Dória são documentos de arquivo, pois se trata, notoriamente, de registros dos exercícios diários de uma atividade profissional, produzidos e acumulados por seu titular, portanto pelo mesmo produtor. Documentos recebidos por Epifânio Dória mediante as relações institucionais e sociais mantidas por ele. Documentos reunidos e acumulados pelo titular do arquivo com objetivo de uso futuro. Enfim, documentos acumulados por Epifânio Dória para comprovar, testemunhar e servir de base para trabalhos.

¹¹O Plano de Classificação é o “esquema pelo qual se processa a classificação de um arquivo”. Cf. DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA: **Ana Maria de Almeida Camargo** ... [et. al.]. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros-Núcleo Regional de São Paulo, 1996.

A aplicação de procedimentos arquivísticos a esse tipo de arquivo é possível e necessário na medida em que formam conjuntos orgânicos e autênticos, representantes das atividades que lhes deram origem (CAMARGO, 2009).

Todo documento tem razão de ser e cumpriu com determinada função em algum momento da vida de um indivíduo ou entidade. No caso dos arquivos pessoais, são produtos de necessidades que pululam ao longo da vida de um indivíduo, ligados a atividades e funções sociais desempenhadas por ele.

Por assim dizer, os arquivos pessoais são representantes da vida de uma pessoa e devem receber um tratamento arquivístico efetivo, de forma a recuperar sua unicidade, organicidade e relação entre os documentos.

Segundo Heloísa Liberalli Bellotto (2008, p.VIII), é fundamental atentar para a “organicidade de seus conjuntos e de suas relações com o criador e com o contexto de produção”. Assim sendo, temos de identificar o contexto em que os documentos foram criados e usados, buscando, dessa forma, o nexos entre o documento e a atividade e/ou o evento que lhe deu origem.

Trata-se de verificar a funcionalidade desses documentos e as marcas das funções neles incorporadas em seu contexto de uso (CAMARGO; GOULART, 2007); enfim, a função que o documento teve para a efetivação da atividade de determinado indivíduo. O documento, por assim dizer, não é uma construção, mas o resultado natural de todo o processo de que se originou e que foi ativado pelas necessidades do produtor.

Os documentos acumulados nos arquivos pessoais são documentos de arquivo¹², no sentido de que o contexto de produção de grande parte da documentação pode ser recuperado, sendo possível recriar as teias entre ela. Trata-se de tarefa laboriosa e complexa, pois os vínculos diretos com os processos e as funções responsáveis pela produção do documento devem ser identificados.

Os arquivos pessoais, da mesma forma que os arquivos administrativos, apresentam uma estrutura lógica da acumulação imediata, que dá margem a alguns tipos de documentos produzidos. No entanto, os arquivos pessoais guardam determinados documentos que nunca terão seu contexto de produção identificado e menos ainda o elo com outros documentos. Nesse caso, o bom senso deve prevalecer. Não se deve forçar a contextualização de um dado documento a um determinado evento e/ou atividade, caso esse documento não caiba ali.

É imprescindível também que se busque a teia de relações entre os documentos, ou seja, o vínculo existente entre eles. Dessa forma, podemos recuperar a conexão lógica e formal que liga um documento a outro através da necessidade.

O contexto de produção e acumulação está relacionado, portanto, às condições de caráter intelectual, profissional, social, emocional, espiritual, etc., já que os motivos que levam um indivíduo a produzir um documento estão atrelados às suas funções e atividades exercidas em sociedade e, com isso, a eventos pontuais menos delineados ocorridos em sua vida. Assim, temos documentos materializados por conta dessas funções ocupadas e atividades realizadas.

¹²O documento de arquivo é constituído do suporte, da informação e do seu contexto de produção. Cf: LOPEZ, André Porto Ancona. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. Gragoatá, Niterói, n. 154, p. 1-140, 2. sem. 2003. <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/587>.

De acordo com André Porto Ancona López (2003, p. 75):

[...] mesmo os documentos que não se enquadram estritamente nas características típicas podem ser entendidos enquanto documentos de arquivo, desde que tenham sido produzidos no decorrer de alguma função inerente à vida do titular (instituição ou pessoa física) e tenham sido preservados como prova de tal atividade.

Experiências desenvolvidas por Ana Maria de Almeida Camargo, com os arquivos pessoais de Plínio Salgado¹³ e Adoniran Barbosa¹⁴, somadas ao estudo de caso ora apresentado, apontam para o método funcional e o formato cronológico do instrumento de pesquisa (inventário) como grande potencializador para a recuperação do contexto de produção dos documentos, do elo entre os documentos e, principalmente, para a recuperação da informação através da vasta possibilidade do uso de índices correlacionados aos verbetes, que são os eventos detectados na cronologia.

A tomar pela crescente onda de doações por parte de familiares dos titulares de arquivos pessoais e do respectivo interesse de inúmeras entidades em receber esses conjuntos documentais, cremos que já é mais do que o momento de questionar os limites impostos a essa documentação quanto a sua natureza e validade no meio arquivístico.

Desse modo, para que a abordagem dada ao arquivo de Epifânio Dória fosse baseada na teoria arquivística, foi necessário percorrer o contexto funcional dos documentos e a compreensão de tal funcionalidade em sua dimensão temporal, assim como buscar o vínculo entre os documentos produzidos e acumulados a partir de um mesmo contexto de produção.

UMA DEFESA CONCISA DE UM MÉTODO DE TRABALHO COM ARQUIVOS PESSOAIS

Fisicamente fragmentado por três instituições de documentação, não classificado, não organizado e não acondicionado de forma adequada, o legado documental de Epifânio Dória lança alguns desafios particulares. O fato de os arquivos pessoais não espelharem a totalidade de uma pessoa – da mesma forma que os arquivos administrativos não refletem a história da instituição - não impossibilita que esse conjunto documental seja encarado e receba tratamento arquivístico adequado. Apesar de estar fisicamente fragmentado, o legado documental inventariado não está intelectualmente desintegrado e comprometido. Ao entrar em contato com essa documentação, é possível perceber que ela não sofreu desvios nem perdas.

Trata-se de uma documentação que foi acumulada naturalmente pelo seu produtor e que foi fruto das atividades e funções que exerceu em vida. Podemos afirmar, então, que possui como característica a organicidade dos documentos, ou seja, os documentos possuem vínculos que os ligam uns aos outros.

¹³ Desenvolvido no Arquivo Municipal de Rio Claro. Cf: <http://www.aphrioclaro.sp.gov.br/publicacoes/livros-e-publicacoes-tecnicas/>

¹⁴ Desenvolvido em parceria com a Associação de Arquivistas de São Paulo.

A busca dessa organicidade e desse elo documental não foi tarefa fácil, pois tratamos de um arquivo fisicamente fragmentado. No entanto, os procedimentos metodológicos utilizados no processo de análise e da inventariação da documentação facilitaram essa tarefa.

Ainda com relação à fragmentação do fundo, não tivemos como proposta reunir fisicamente essa documentação, até porque pertence juridicamente às instituições responsáveis por sua guarda.

Partindo da premissa de que tudo o que tramita, ou tem andamento sequencial previsto, carrega marcas temporais, à guisa de metadados (CAMARGO; GOULART, 2007); reunimos intelectualmente a documentação do arquivo pessoal de Epifânio Dória em inventário único, endereçando devidamente esses documentos e fazendo a conexão entre eles, formando, com isso, agrupamentos documentais referentes a eventos e atividades da vida do seu titular.

A ausência de classificação e organização do arquivo pessoal por parte das instituições não comprometeu nosso trabalho, pois fizemos a classificação a partir do próprio inventário cronológico. Esse não comprometimento se deu, também, graças ao desenvolvimento de um banco de dados, no qual foram lançadas as informações extraídas dos documentos componentes do arquivo.

Essas informações foram filtradas e cruzadas, através de mecanismos oferecidos pelo programa utilizado, possibilitando o encontro de eventos ocorridos e atividades desempenhadas pelo titular do arquivo, com os documentos produzidos e acumulados pelo titular do arquivo; assim como a recuperação do elo entre essa documentação.

Os procedimentos adotados na elaboração do inventário diferiram-se dos usuais no que diz respeito ao tratamento dos arquivos pessoais. Da mesma forma, ocorreu com relação à estrutura do inventário, que foi elaborada e formatada numa perspectiva linear. Criamos um inventário estruturado cronologicamente, em que eventos e atividades vivenciadas por um indivíduo, durante sua vida, foram listados e vinculados aos documentos formadores do arquivo pessoal.

1923

1. Permanece como diretor da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe.

Carta de encaminhamento de livro: I440.29.4986, I440.29.4987, I440.30.5170.

2. Permanece como membro da Loja Maçônica do Cotinguiba, de Aracaju.

3. Colabora com o periódico *Sergipe Jornal*.

4. Publica efeméride sobre o falecimento de Francisco José Martins, no *Sergipe Jornal*.

Crônica histórica: I451.59.10042, I453.66.11048.

5. Publica efeméride sobre o falecimento de José Leandro Martins Soares, em coluna “Efemérides sergipanas”, no *Sergipe Jornal*.

Carta de agradecimento: I456.77.12358.

6. É apresentado por Leocádio Correia, com o folheto “Pelo meu caminho”.

Folheto: I517.27902.

7. (4 jan) Publica efeméride sobre o falecimento de Francisco de Paula Lindoso, no *Sergipe Jornal*.

8. (21 jan) É eleito membro da Comissão de Redação dos Projetos da Hora Literária General Calazans, futura Academia Sergipana de Letras.

Carta de convocação: A7.380.

9. (27 jan) Ingressa como membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Carta de aceitação: A7.381.

Diploma: A8.568.

10. (31 jan) *Soirée* artística em festa do beletismo, no Paco Municipal de Capela.

Prospecto: A16.1178[6].

(...)

1924

11. Permanece como diretor da Biblioteca Pública do Estado de Sergipe.

Bilbete de encaminhamento de material: I481.179.19898.

Carta de encaminhamento de questionário: I481.179.19919.

Carta de esclarecimento: I481.179.19872.

(...)

Exemplo geral do inventário cronológico – ano referência, dia-mês, verbete, documento e código de notação

Contextualização dos documentos e suas teias de relação

A identificação do contexto de nascimento dos documentos, assim como o vínculo que existe entre eles, é diretriz primordial no tratamento teórico-metodológico fornecido aos arquivos administrativos de instituições públicas e privadas e, também, aos arquivos pessoais.

Seguindo esse pressuposto teórico-metodológico, respeitamos os documentos do arquivo pessoal inventariado como um conjunto orgânico, que a documentação se encontra ligada por um vínculo original; ou seja, os documentos foram contextualizados no seu meio genético de geração, atuação e acumulação.

Nos dizeres de Ana Maria de Almeida Camargo e Silvana Goulart (2007, p. 35-36), “admitir a necessidade de tratar o arquivo pessoal como conjunto indissociável, cujas parcelas só tem sentido se consideradas em suas mútuas articulações e quando se reconhecem seus nexos com as atividades e funções de que se originaram”.

Levando-se em consideração que um indivíduo exerce determinadas funções e desenvolve inúmeras atividades durante sua existência, que somadas a essas funções e atividades desempenhadas decorrem vinculações e relações muitas vezes não delimitadas no tempo, e que esses eventos e acontecimentos são disparadores naturais da necessidade de produção de documentos; o método funcional permitiu identificar as atividades imediatas geradoras dos documentos (CAMARGO; GOULART, 2007).

A operação central da metodologia arquivística é a contextualização do documento, ou seja, a identificação do contexto em que o documento foi produzido. O arquivo de Epifânio Dória foi visto, portanto, como um conjunto inseparável, cujas partes tiveram sentido quando foram articuladas entre si e, também, com as atividades e funções que lhes deram origem. Buscamos, pois, os nexos internos e a teia de relações entre os documentos, mediante a caracterização de seu vínculo de origem.

Na óptica própria da arquivologia, procuramos a função de cada documento no contexto das atividades de Epifânio Dória.

A organização lógica do acervo, na área de arquivo, é norteada pela funcionalidade, isto é, pela identificação do elo entre os documentos e as atividades que lhes deram origem; de modo a garantir que, individual ou coletivamente, os diferentes itens que o integra (elo) possam evocar ou representar, de modo inequívoco, as circunstâncias e o contexto que justificaram sua acumulação ou guarda (CAMARGO; GOULART, 2007).

Nesse processo foram levadas em consideração as circunstâncias de produção e as relações intrínsecas que cada documento manteve com os demais itens que integram o arquivo.¹⁵

Cronologia de vida de Epifânio Dória

Para auxiliar nossa caminhada na descrição e inventariação do legado documental acumulado por Epifânio Dória, ao longo dos seus 92 anos, foi de extrema importância a construção da cronologia de vida desse intelectual. Trata-se de uma tarefa imprescindível para o desenvolvimento do instrumento de pesquisa proposto.

É importante explicitar que essa cronologia de vida pode ser apreciada na própria estrutura do inventário cronológico do arquivo de Epifânio Dória.

¹⁵Foram apartados do conjunto e descritos em separado os documentos que não ofereceram datação, mas que os contextos foram identificados (424 verbetes); bem como os documentos que apontavam para uma atividade não mensurável no tempo, como é o caso das relações de amizade e de companheirismo (398 verbetes). Os documentos que não apresentaram datas e que os contextos não puderam ser identificados de forma clara e segura (contexto: coleta de fontes e pesquisa) não foram inseridos no inventário, por considerarmos desprovidos de valor documental e não agregadores de informações relevantes.

Antes de iniciarmos a análise da documentação, recolhemos informações sobre a vida de Epifânio Dória a partir de diversas fontes, tais quais: textos produzidos e publicados pelo titular do arquivo; textos produzidos por outros a respeito de Dória; documentos administrativos das instituições as quais esteve envolvido; documentos de arquivos pessoais de seus contemporâneos; matérias publicadas sobre ele em jornais do Estado e documentação do seu próprio arquivo.

As fontes citadas acima atenderam determinados aspectos da vida de Epifânio Dória, mas não todos. Essa pequena prévia da cronologia de vida do titular do arquivo foi importante para se ter uma noção inicial sobre suas atuações profissionais, funções desempenhadas, relações de amizade, vinculação institucional, dentre outras informações.

No entanto, esse pequeno apanhado de eventos não se comparou ao volume de verbetes gerados no decorrer da análise dos documentos do arquivo pessoal (**4.346 verbetes**). A partir dos **19.369 registros** criados no nosso banco de dados, pudemos pontuar eventos de todas as espécies: nomeações e posses; cargos ocupados em instituições particulares; funções desempenhadas; cargos públicos ocupados; vinculações com dezenas de instituições, associações e sociedades; relações de amizade; aspectos mais íntimos de sua vida etc.

Na elaboração da cronologia de vida de Epifânio Dória nos deparamos com a existência de eventos pontuais, muito bem reconhecidos, como: jantares, casamentos, festas, homenagens, formaturas etc. Encontramos diversas atividades de longa duração, que puderam ser mensuradas no tempo, a exemplo do desempenho de funções administrativas em equipes diretas de diversas instituições culturais, educacionais e filantrópicas. E, por fim, atividades de longa duração, não mensuráveis no tempo, sendo o trabalho com a pesquisa científica, as relações de amizade, dentre outros.

A questão da disposição da linearidade do tempo no corpus do inventário cronológico é uma etapa importante no processo, sendo necessário remeter os documentos aos seus respectivos momentos temporais (leia-se eventos e acontecimentos).

Após essa decisão partimos para a criação de verbetes discursivos que representassem tais eventos. Cada verbete remete a atividades e/ou funções desempenhadas por Epifânio Dória e eventos dos quais participou ou, provavelmente, tenha participado.

Construídos a partir de informações colhidas principalmente de seus documentos pessoais, tais verbetes são como dossiês aglutinadores que têm a tarefa de reunir em torno de si documentos produzidos, recebidos e acumulados a partir de distintos contextos e funções desempenhadas por Epifânio Dória ao longo de sua vida.

Pensando o Banco de Dados

A construção de um banco de dados e seu preenchimento com informações extraídas de cada item documental do arquivo de Epifânio Dória contribuiu para uma recuperação mais eficiente dessas informações no momento da elaboração do inventário cronológico do arquivo pessoal. Entretanto, vale ressaltar que o banco de dados por si só não resolve todos os problemas de uma pesquisa. É necessário cuidar de detalhes importantes, como: escolha dos campos, decisões referentes a determinadas regras e controle de vocabulário. Sem esses cuidados não poderíamos ter explorado o real potencial da ferramenta ora discutida.

Essa ferramenta foi desenvolvida no programa *Excel*, da *Microsoft Office*. Com a finalização da análise **dos 35.193 documentos** e a criação de **19.369 registros**¹⁶, fizemos a sua exportação para o programa *Access* por questões de segurança no momento da filtragem e/ou cruzamento de informações necessárias para a construção do inventário apresentado no estudo.

Com relação à definição dos campos formadores de tal ferramenta, tivemos a parcimônia de criar apenas os indispensáveis para a construção do inventário, evitando campos que trouxessem informações redundantes. Pensar o objetivo e a função que cada um desempenharia também foi primordial nesse momento, esclarecendo também o porquê da escolha de determinados termos em detrimentos de outros.

Como colocado por Johanna Smit e Nair Kobashi (2003), os campos são como pontos de acesso, que nos permitem chegar a documentos a partir de alguns aspectos preestabelecidos, nomeando critérios utilizados para agrupar documentos.

Escolhas e procedimentos no tratamento e análise dos documentos

Dando início a uma breve discussão referente ao processo de tratamento e análise dos documentos, enfatizamos aqui a busca constante pelo contexto imediato de produção e acúmulo do documento, bem como a função que o documento analisado cumpriu quando foi produzido ou acumulado, dentro das atividades rotineiras do seu titular.

Procuramos descobrir o que o documento manifestou no seu momento de produção e de uso, os envolvidos na sua produção, as práticas sociais e culturais da época em que foi produzido, ou seja, buscamos o sentido do documento.

Ressaltamos aqui que um documento produzido em dada circunstância pode ganhar outros sentidos e cumprir outros usos, a depender dos interesses e funções de quem o acumula. O contexto de produção é diferente do contexto de acumulação. Um mesmo documento pode ser usado diversas vezes e em contextos diferentes. É o caso dos diversos usos de uma mesma reportagem para diversos fins e em distintos contextos.

Portanto, durante a análise dos documentos buscamos entender as razões de sua produção e acumulação, sempre nos atentando para a possibilidade de diversos usos de um mesmo documento e circunstâncias de usos distintos.

Todo documento segue uma trajetória, nosso papel é localizá-lo na linha cronológica do titular de determinado arquivo pessoal.

Nomear o documento foi a primeira tarefa da análise. No entanto, é interessante observar a relação intrínseca entre a nomeação do documento, seu contexto de produção ou acumulação, e a função que cumpriu ao ser criado.

Podemos até nomear um documento pelo nome que ele apresenta, mas muitas vezes caímos numa grande cilada, já que muitos documentos apresentam nomes que não condizem com sua real função. O recomendado, então, é ler todo o documento para perceber a função que cumpriu e o contexto em que foi produzido ou acumulado.

¹⁶Nem todos os documentos configuraram em um único registro. Como já colocado anteriormente, os documentos públicos pertencentes a outros fundos não foram analisados e muitos documentos foram agregados em coletâneas, fichários, etc.

A tarefa de dar nome aos documentos é uma das mais difíceis para o arquivista. Identificar a espécie e o tipo documental nos leva, como já mencionado, a ter mais atenção para a função cumprida pelo documento e, conseqüentemente, para o momento de seu nascimento.

Nesse processo nos deparamos com alguns documentos, formatos e objetos problemáticos e desafiadores no trato com arquivos pessoais. Para finalizar a nossa discussão apresentamos o caso de livros e objetos.

Até que ponto podemos considerar objetos de Epifânio Dória como documentos de arquivo? Tomamos o cuidado de não irmos à defesa da existência obrigatória de um contexto de produção e de vínculos desses objetos com os demais documentos pessoais, em geral documentação textual.

Alguns objetos ganham estatuto documental em alguns espaços expositivos, sendo convertidos em documentos e compondo um discurso historiográfico. Nosso objetivo foi tratá-los arquivisticamente e contextualmente, pois o objeto não nasce como documento, mas é transformado em documento de arquivo quando pode ser contextualizado.

A presença desses objetos no arquivo de Epifânio Dória levanta uma discussão interessante sobre a sua importância para o entendimento dos demais documentos do arquivo.¹⁷ Ao considerar esses objetos como “extensões dos homens”, Camargo defende a identificação e a descrição desses materiais como documentos de arquivo.

Adotando o termo *realia*¹⁸, a estudiosa do assunto alerta para o poder que tais documentos têm de evocar lugares, datas e circunstâncias, carregando informações sobre as razões de sua acumulação e estabelecendo continuidade em certas experiências (CAMARGO, 2011). Seguindo essas orientações tentamos encontrar os vínculos da *realia* do arquivo pessoal de Epifânio Dória, mesmo que tais itens documentais estejam custodiados em diferentes instituições.

Todavia, tanto para os objetos acumulados por um indivíduo, quanto para os livros de sua biblioteca, é de primordial importância que se busque o caminho pelo qual estes documentos chegaram à pessoa. Em resumo, deve-se buscar a motivação, se pessoal ou institucional, que provocou a recepção e/ou acumulação daquele determinado objeto ou livro entre os pertences de um indivíduo. Naturalmente muitos objetos e livros não tiveram um contexto de produção e acumulação identificada, sendo assim não forçamos a existência de um contexto.

Lembramos aqui que a biblioteca de Epifânio Dória reflete os interesses intelectuais de seu titular e a rede de sociabilidade mantida por ele. Com o alargamento dos conceitos teóricos da arquivologia, objetos protocolares e livros começaram a ser tratados como documento de arquivo, por oferecerem, muitas vezes, o contexto e a motivação que fizeram com que chegassem àquela pessoa.

REFERÊNCIAS

¹⁷Uma discussão mais aprofundada sobre o tema pode ser lida no artigo: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Objetos em arquivos**: algumas reflexões sobre gênero documental. In: SEMINÁRIO Serviços de Informação em Museus, 10, São Paulo, 25 e 26 de novembro de 2010. *Anais*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011. p. 157-165.

¹⁸Objetos coletados na natureza e fabricados pelo homem, de forma artesanal ou industrial.

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Diplomática e tipologia documental em arquivos**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2008.
- CAMARGO, A. M. de A.; GOULART, S. **Tempo e circunstância**: a abordagem contextual dos arquivos pessoais: procedimentos metodológicos adotados na organização dos documentos de Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC), 2007.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, vol. 45, n. 2, jul-dez, p. 26-39, 2009.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Objetos em arquivos**: algumas reflexões sobre gênero documental. In: SEMINÁRIO Serviços de Informação em Museus, 1o, São Paulo, 25 e 26 de novembro de 2010. *Anais*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2011.
- DUCROT, Ariane. Classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 151-168, 1998.
- LOPEZ, André Porto Ancona. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Gragoatá**. Niterói, n. 154, p. 1-140, 2. sem. 2003.
- MAYNARD, Dilton. Epifânio Dória e a memória sergipana. In: DÓRIA, Epifânio. MEDINA, Ana Maria Fonseca (Org.). **Efemérides Sergipanas**. Vol. I. Aracaju: Gráfica editora J. Andrade, p. 601-603, 2009.
- SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003.

RESUMO: *O objetivo do trabalho apresentado é discutir sobre a importância do tratamento dos arquivos pessoais como arquivos, sendo merecedores de uma abordagem arquivística adequada. Para tanto faremos uma demonstração fundamentada de um procedimento metodológico com arquivos pessoais, a partir do estudo de caso do arquivo de Epifânio Dória, tendo como resultado um inventário cronológico do conjunto documental.*

PALAVRAS-CHAVE: *Arquivos pessoais, abordagem funcional, Epifânio Dória, método de trabalho, inventário.*

RESUMEN: *El objetivo del trabajo presentado es discutir la importancia del tratamiento de los archivos personales como archivos, siendo dignos de un enfoque archivístico adecuado. Para esto vamos a hacer una demostración razonada de un enfoque metodológico a los archivos personales, basado en el estudio de caso del archivo de Epifânio Dória, lo que resulta en un inventario cronológico de el conjunto de documentos.*

PALABRAS-CLAVE: *Archivos personales, método funcional, Epifânio Dória, método de trabajo, inventario.*